



Maria Helena, a desolação diante do abandono

“Porque os espelhos são os rios os homens podem se reconhecer através das águas. Se algo os impede de chegar até o mar é porque homens já não há que os possa navegar”

Artur Werbeck



Raimundo Maciel, atua como enfermeiro na aldeia



Juvita Porfírio: precisamos de médicos e remédios

Índio mura, uma nação à margem da vida

A situação dos muras, que vivem no município de Autazes, reflete a dos vários povos amazônicos que vivem sem identidade e sem perspectivas

Ana Celia Ossame

Aos 85 anos de idade, Neli Marciano Parente, a conhecida "velha Nila", da aldeia dos índios Mura, que sobrevive no município de Autazes, no distrito de Murutinga, a 126 quilômetros em linha reta de Manaus, canta e dança para lembrar um tempo que não existe mais. Tempo em que os índios, segundo ela, ainda falavam a língua geral. Tempo em que a vergonha de identificar-se pela origem não era tão grande como hoje. Mas ela resiste às risadas e chacotas e começa a dançar. Por um instante mostra-se superior. Depois, baixa o olhar para lamentar que, quando ela, a "velha Nila" morrer, não haverá ninguém para falar sobre os Mura. Para defender o nome Mura, mesmo na língua do cariuá, ou seja, o branco. "Eles não terão passado", diz.

O passado dos Mura, de fato, não tem registro em livros de História do Amazonas. Mas sim em publicações da Universidade do Amazonas (UA) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Em 1826, estes índios eram cerca de "60 mil almas" que habitavam os rios Madeira e Negro. Os relatos dos colonizadores davam conta de serem navegadores, bons pescadores, mas extremamente violentos e selvagens, o que lhes dava o direito de descarregar as armas em massas que se repetiram durante dezenas de anos. Neste ano de 1995, os Mura são cerca de 600 pessoas sobrevivendo em Autazes, numa área que foi "dada" para eles pelo governador Alvaro Maia. Não sabem da história dos "valentes" antepassados. Apesar de tudo, compõem, como eles perdidos em meio à selva, a vida de um povo chamado amazense.

Na sua maioria adultos, eles vivem à margem do rio Paraná, pescando para a sobrevivência. Vê-se poucos jovens nos arredores, mas há muitos idosos que garantem a sobrevivência com a aposentadoria. Moram em casas de palha com poucos móveis ou qualquer outro elemento que fuja do extremamente essencial, como mesa e bancos tallados em madeira, roupas e redes. Não plantam nada, a exceção de um ou outro roçado de mandioca para a farinha, que é comprada pelo sistema de fiado, no comércio local. Este é o alimento que não pode faltar, porque mesmo sem o peixe, dizem, eles fazem o chibé para "encher" o estômago. Na época da cheia do rio, quando o peixe escasseia nas águas, eles correm para a conserva em lata e aumentam a conta da taberna.

"Nasci e nunca saí daqui", diz Juvita Porfírio Delgado, que não lembra quantos anos tem de idade, "deve ser perto de 80 anos de idade", mas recorda-se que antes há muitos anos não havia ali roça, forno ou mesmo casa de farinha. "Era muito ruim viver aqui. A gente vivia sem nada.", disse ela, para afirmar que hoje considera a vida melhor. "Tem mais facilidade, a gente pode comprar farinha no comércio", conforma-se. Ao redor das casas na Aldeia dos Mura não existem as plantas medicinais comuns à região, nem mesmo a folha de cebolinha para temperar o peixe. Juvita tem uma explicação para isso. "Ahá, é uma queixa. "Os homens bebem e ficam jogando perto das casas e destroem tudo", reclama ela, que diz temperar tudo com sal. Este falta, entretanto, na sua vida e nas demais ali, que vivem como se

estivessem situadas. "A gente sente falta de tudo e a Funai não se importa, não ajuda em nada", afirma ela, que reivindica médicos e medicamentos para a Aldeia. Entre o imaginário popular e o real, Juvita vive entre as estórias dos botos encantados e a extrema pobreza. Fala da cobra grande que existe na boca do Murutinga, que a deixa com medo. "No meu tempo, os antigos já falavam disso", conta. Ela não sabe ler e não sabe nada sobre os Mura. Diz que isso é coisa da velha Nila. Ela é quem sabe.

Como se assasse o peixe para aquecer a vida, Maria Helena da Costa, 68 anos, encosta-se próximo ao fogo e repara melhor o alimento. Aposentada, ela diz que já plantou muita roça na vida, mas agora não tem mais saúde. "Eu vivo doente", queixa-se. Na aldeia mora também Luziete Santos da Silva, 56 anos, já aposentada. Sem saber ler, fato que se repete com 12 dos 13 filhos que teve, Luziete só tem voz para reclamar das dores no corpo e na cabeça. "A gente precisava de um médico, mas não temos", diz ela, em tom de resignação. Esta, aliás, é visível no rosto de cada um ali. Como se fosse uma reação à destruição da cultura do povo Mura.

VIDE - VERSO



Nila traduz a indignação diante da perda da cultura indígena. Mas sua voz não ecoa na aldeia Mura e nem na História do Amazonas

próximas ao Murutinga, como Novo Céu, Mutuca, Bairro Alto, Jacaré, Iauçu, Apipica e outras. Sem saber ler ou escrever, ela guarda na memória algumas palavras da língua geral, falada pelos seus antepassados. É a única que faz questão de destacar a identidade Mura, apagada pela chamada civilização denominada por ela como *cariva*. Os jovens de hoje, segundo Nila, não querem aprender nada e, o que pior, têm vergonha de se dizer índios. Para estes, ela tem uma advertência. "Quando eu morrer, ninguém vai saber mais nada sobre os Mura", sentencia. Nila critica os índios porque, segundo ela, para pegar na enxada não há coragem. "Mas para dançar as imoralidades dos brancos e pegar nas partes das meninas, eles sabem muito bem".

A velha Nila guarda dos antepassados apenas o nome e as palavras na língua. Não sabe que, se-

gundo o relato contidos nos livros *Autos da Devassa contra os Índios Mura do Rio Madeira e Nações do Tocantins (1738-1739)*, publicados pelo Centro de Documentação e Estudos da Amazônia (Cedeam), da Universidade do Amazonas, eles obrigaram as cidades de Itacoatiara e Borba, quando surgiram, a mudar de colocação várias vezes, por causa dos seus ataques. Nila tem seu rosto marcado por um sinal de nascença, mas o sinal que ela faz questão de mostrar é o da origem indígena. Dizendo que já "partejou" filho de boto, não esquece de indicar as plantas medicinais, as poucas que ainda consegue cultivar para as dores de barriga e anêmia. Lembra do visitante mais ilustre que já pisou ali na aldeia, o então governador Alvaro Maia, que deu as terras para os Mura. Nila fala muito. Sente-se orgulhosa de ser procurada pela reportagem para falar sobre a aldeia. E aproveita para cantar e dançar a modinha da cotia, que aprendeu com os avós. "Ninguém ouve mais os velhos", diz.

Como se assim apagassem da memória - a visível e a invisível - o passado massacrado pelos *carivas*, os Mura parecem sucumbir, a exemplo das 600 outras nações indígenas que, segundo o historiador Antônio José Souto Loureiro, da Universidade do Amazonas, tiveram suas histórias suprimidas e afogadas pela historiografia amazônica. Com os Mura, as armas silenciaram as vidas cujo ritmo era tão original quanto a natureza. Na simplicidade de vida, eles não usam espelhos. E só através das águas podem contemplar a própria face, que apesar de tudo representa uma identidade indígena. Infelizmente não pode ser assim com a história do seu povo.

Joaquim Nunes Mota, 79 anos, conhecido como seu Coró "desde que era menino", enrola um cigarro de papelim e fita o horizonte sem um ponto definido. Identifica-se como índio. Mura. Faz porque aprendeu que era assim. Isso não é um sinal de diferença para ele, que não sabe falar sobre os índios. "Só a Nila sabe", assegura ele, que é casado com Juvita. Para ele, hoje a vida é melhor para os índios. "Ganhamos uma lancha da Funai e a prefeitura fez as casas onde moramos", disse Joaquim. Isso é um fato na vida dele, que já dormiu no barro, com fogo ao lado para afugentar os animais. Embora tenha estudado no antigo Mobra, não conseguiu aprender a assinar o nome. "Desemburrei um pouco", assegura. Sua vida foi de muito trabalho na roça para a farinha, o que lhe rendeu o reumatismo que o atormenta hoje. Sua reclamação maior agora é contra a falta de luz elétrica que serve, durante algumas horas, a população de Murutinga, mas não chega na aldeia. Outra queixa é contra os jogos e bebedeira dos jovens. "Alguém tinha que fazer alguma coisa".

Raimundo Maciel escapou de envelhecer sem utilidade na aldeia, como acontece com a maioria. Viúvo, dois filhos, ele é o enfermeiro do lugar, função que aprendeu observando médicos na sede do município de Autazes, onde morou e trabalhou no hospital. Agora, ele atende um aqui outro ali como "quebra galho". Maciel tem um sonho, no entanto. Quer deixar de ser o enfermeiro de improviso e aprender a profissão. "Assim posso ajudar mais o povo", afirma. Apesar de ser muito conhecido e "útil" na aldeia, ele não vive feliz. É que foi vítima de um acidente, caindo sobre a máquina de um motor de linha e isso o deixou incapaz para trabalhar no que era acostumado. "Não posso sequer amassar mandioca para fazer farinha".

600

nações indígenas foram suprimidas da História. Mas algumas insistem em viver, como fazem os muras

Na aldeia ou nas redondezas do Murutinga não há quem não a conheça. Aos 85 anos de idade, seis filhos, viúva, Neli Marciano Parente, é simplesmente a velha Nila, que não sabe quantos netos e bisnetos tem. Mas quando acorda, sempre às 4h da madrugada, pode já ter compromisso. É que ainda é a parteira que atende a todas as localidades

Amazonense: profissão esperança

O padre Humberto Guidotti, coordenador do Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH-CNBB Norte I), veio da Itália há 21 anos para o exercício do ofício religioso no interior. No seu trabalho, vivenciou todas as vicissitudes que marcaram e marcam a vida desse povo amazense.

"Quando conheci essa cultura completamente diferente da minha, chamou-me a atenção algumas características, como a simpatia e o grande coração que tem este povo. São pessoas afetuosas, que se deixam conhecer pelo coração. Têm uma expressividade muito grande com o corpo, com abraços, beijos, olhares, danças, diferente do que é na Europa, por exemplo. É um povo que festeja tudo e por isso se fala em criar a Pastoral da Cerveja ou do Bar, porque estes provocam sempre a reunião de muitas pessoas. Mas falta-lhe a cultura política, porque ele vê até as eleições como festa e não como ato cívico importante para a vida da sociedade. Tem um sentimento de gratidão muito acentuado, é muito hospitaleiro, tem uma religiosidade verdadeira, embora sincrética, misturada às cren-



Humberto Guidotti

dices populares. É um povo que não se dá por vencido. Mas há alguns aspectos que são entraves para se alcançar dias melhores como o famoso 'jeitinho brasileiro' e o machismo, que deixa a mulher a condição de submissão e resignação, sem vez e sem voz.

Um aspecto grave é que tem uma estrutura familiar destruída. Na verdade, isso é resultado da migração: para cá vieram, no século passado, os barbadieiros, os homens solteiros que chegaram para os seringais, sem família e que introduziram a prostituição, contribuindo para um fenômeno detectado nos bairros da capital por uma pesquisa feita pela Universidade do Amazonas, dando conta de que no bairro da Compensa, Zona Oeste, 75% das famílias não preenchem o modelo católico da família. Há ainda as culturas de resistência, as do índio e negros, e a cultura popular, que está cada vez mais fragmentada e ameaçada de se tornar objeto de consumo e ser instrumentalizada politicamente. Apesar de tudo, é esperançoso, tem vontade de vencer, de mudar. É um povo que, pode-se afirmar, têm como profissão a esperança".

'Um povo generoso e lutador'

A enfermeira Nádia Vettori, 50 anos, é italiana e vive há 21 anos no Amazonas. Ela emocionou-se ao falar do povo que conhece tanto no interior como na capital. Coordenadora da Pastoral da Criança em Manaus, ela tem impressões que revelam a intimidade, a proximidade e um certo encanto para com esse povo que se chama amazense, de quem ela conhece a dor e a alegria.



Nádia Vettori

"É quente, aberto, generoso para com todos, como o calor, a mata, o rio, ao mesmo tempo que, como estes, é agressivo, fechado, imprevisível, misterioso. Empobrecido pelo sistema vigente, explorado pelas multinacionais, é explorado na única coisa que, além da fome, ainda tem, a sua força de trabalho.

"O povo amazense é forjado, moldado pela conjuntura brasileira, mas muito mais pela conjuntura social-política, geográfica e ecológica, típicas do Amazonas. Com certeza a conjuntura geo-ecológica marca muito mais do que a sócio-política. Calor-distâncias-matas-rios-secas e enchentes e todos os "mitos" que disso nasceram continuam influenciando o comportamento e a vivência do povo do interior e das favelas.

Nos rios e na mata, seres invisíveis mas fortes e com poderes, condicionam e norteiam a vida do caboclo. É "do" e "com" o mito que ainda hoje se explica e justificam os acontecimentos, as doenças, a morte.

As grandes distâncias e os meios de locomoção contribuem em "fazer", "tor-

nar" o povo paciente, sem pressa, calmo, lento até no raciocínio. Vive o real e o imaginário. As vezes mais o segundo que o primeiro. Vive o mito e o medo, que do mito nasce. Vive o hoje, o agora. Não lhe interessa o amanhã. E como pode interessar-lhe se a precariedade de sua vida é tamanha que nem o hoje, o agora, é vivido, mas só sobrevivido.

É quente, aberto, generoso para com todos, como o calor, a mata, o rio, ao mesmo tempo que, como estes, é agressivo, fechado, imprevisível, misterioso. Empobrecido pelo sistema vigente, explorado pelas multinacionais, é explorado na única coisa que, além da fome, ainda tem, a sua força de trabalho.

É quente, aberto, generoso para com todos, como o calor, a mata, o rio, ao mesmo tempo que, como estes, é agressivo, fechado, imprevisível, misterioso. Empobrecido pelo sistema vigente, explorado pelas multinacionais, é explorado na única coisa que, além da fome, ainda tem, a sua força de trabalho.

A exclusão social é preocupante

Professora da Universidade do Amazonas, Marlene Correa da Silva faz doutorado em Sociologia na Universidade de Campinas (Unicamp), São Paulo, com o tema sobre Anazônia. Natural de Condiária, no rio Juruá, ela só pensa na solidão do homem amazônico, que na virada do século XX, é excluído de benefícios que a humanidade produziu no século XIX e com o que chama de intolerância dos setores médio e alto da sociedade para com estes.



Marlene Correa

humanidade acumulou nesse período. Penso na solidão do homem remando, caçando, naquele homem que tem um certo equilíbrio com a natureza, que tem um saber muito experimentado, muito vencido, mas que está muito exposto às doenças, à miséria, ao abandono, a viver sozinho o seu problema. É um homem que não conhece o Estado, o direito, as instituições, não conhece a sociabilidade urbana, que é a maior invenção da humani-

dade... Mas ele reage a tudo isso ao seu modo, com revolta, roubando, na marginalidade. Reage de forma contudente quando expõe sua miséria pedindo esmola, cometendo delito, agredindo a instituição, quando não manda o filho para a escola. Preocupa-me a forma pela qual os setores médio e alto estão se tornando intolerantes a eles e a ressonância dessas vozes é perigosa. Percebe-se um torcer de nariz, um olhar enviesado, uma falta de humor às vozes que reclamam, ao seu modo e que precisam de rádios e jornais populares para repercutir as suas questões e reivindicar o direito de um futuro que não é decisão individual, mas coletiva.

'É preciso olhar o caboclo'

A professora da Universidade do Amazonas e mestre em sociologia, Heloisa Lara, 55 anos, paulista radicada no Estado há 26 anos, fala da necessidade de se voltar as atenções, os olhares da pesquisa e da administração pública para o caboclo amazense, que segundo ela, está perdido num contexto social onde só há espaço para os índios. Eles, os caboclos, diz Heloisa, são maioria na população e precisam que essa condição os tire do abandono social e político.

"Acho que é complicado identificar a população enquanto povo. Poderíamos pensar originalmente em povos indígenas, porque estes possuíam um substrato comum, uma identidade que os unia. Entretanto, as sucessivas investidas da colonização e "civilizações", foram dilapidando sua identidade enquanto povo.

Por outro lado, os modelos econômicos brasileiros sempre colocaram a Amazônia no campo de interesse das trocas internacionais. Trocas que, sem dúvidas, levaram a uma diminuição e expropriação da população nativa. A imi-

gração miscigenou, mas ao mesmo tempo discriminou os nativos. Desse produto híbrido que eu diria ser o povo amazonense, na realidade não há um elo de ligação.

Hoje, temos os índios, os caboclos, os brancos. Em termos numéricos, os caboclos superam as duas outras categorias. Mas quem é este caboclo? Ele é tão somente cantado em música e verso. Os antropólogos da Amazônia esqueceram o caboclo, preocupados muito mais com o índio, que até ganhou status dentro do ecossistema como participante e responsável pelo seu equilíbrio.

Seria o caboclo que daria a característica cultural dominante do povo amazônico? Pode ser. Mas volto a insistir na pergunta: Quem ele é? Acho que ele é aquele que não é. Nem branco, nem índio. Sem partido, sem bandeiras, sem consciência do que não é. É sobre ele que devemos fixar o nosso olhar, centrar as nossas preocupações, nossas pesquisas e análises".

Pará

A comissão da Funai esperada desde quinta-feira em São Félix do Xingu (680 km a sudoeste de Belém), para tentar evitar um possível confronto entre índios e posseiros, ficou de sair ontem de Brasília. Um dos problemas para o atraso da viagem foi a recusa do primeiro indicado pelo Ministério da Justiça, Benjamin Siezul, em participar da comissão. Siezul alegou outro compromisso. O ministério indicou então Amaury Galdino. Além disso, a Funai não conseguiu lugar para a viagem da comissão nos vãos de carreira. Um avião da Polícia Federal foi emprestado à Fundação. Viajam a São Félix do Xingu, Amaury Galdino, um antropólogo e um topógrafo da Funai e quatro policiais federais.

3